

A lógica cartesiana na formalização ética de quatro modelos teóricos: retórica do campo visual, dispositivos disciplinares e ordem social, psicologia freudiana e moral do corpo em G. Bataille

Isabel Monteiro

U. Fernando Pessoa – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Índice

1 Retórica do campo visual	1
2 Dispositivos disciplinares na ordem social	2
3 Psicologia freudiana	4
4 A moral do corpo em George Bataille	5
Conclusão	6
Introdução	7

Resumo

A lógica cartesiana indica-nos que num eixo vertical quanto mais acima estiver uma ordenada maior será o seu valor positivo, inversamente quanto mais baixa for a posição de uma ordenada maior será o seu valor negativo.

Para exemplificar a extensão com que o paradigma cartesiano ainda domina a nossa cultura, contrapõem-se quatro modelos teóricos formalizados segundo uma ética por este modelo imposta: a retórica do campo visual, a estruturação social, a formalização da mente segundo Freud e a moral do corpo proposta por Bataille.

1 Retórica do campo visual

SEGUNDO os estudos da psicologia da forma e da retórica visual, numa imagem a área superior do seu campo é geralmente reservada à representação do que se considera ideal, de um devir desejado ou de um objecto venerado.

Exemplos desta lógica de distribuição gráfica são abundantes no imaginário religioso renascentista e clássico, no qual por norma, as figuras *divinas* ocupam o topo superior do campo visual, zona associada ao *céu* por contraste às margens inferiores conotadas com a realidade terrena, biológica ou em casos radicais com a *bestialidade* e com o *inferno*.

A margem superior é o *locus* da contemplação e da virtude segundo a tradição secular ocidental e a sua simbólica, como se pode observar em representações como a de Marten de Vos do *Juízo Final*, datada de 1570.¹

¹Consultado a 20/6/11 [em linha] Disponível em <http://anarcofagia.com/sss/2010/03/juizo-final-de-michelangelo-e-marten-de-vos/>

O *Juízo Final* é o acontecimento cristão que separa a vida terrena do paraíso, na pintura de Marten de Vos há uma disposição vertical ascendente do inferno, terra e céu, segundo o modelo geocêntrico. Cristo é representado no centro superior, simbolizando a figura do *juiz* que delibera as posições que as restantes personagens ocupam. As personagens quanto mais *terrenas* mais despojadas de vestes surgem. A impossibilidade de ascenderem à esfera divina parece reforçada pelo pintor através da nudez, que explicita assim a predominância da natureza biológica destas e indicia mesmo alguma *bestialidade*.

Outro exemplo do mesmo tipo de associação constitui um dos *tropos* clássicos da retórica publicitária. Na base da imagem identifica-se determinado produto no seu sentido mais *objectual* e na sua existência concreta (mostra-se a embalagem e a imagem do respectivo produto, oferecem-se informações pragmáticas como o local onde se produz e comercializa o objecto em questão, etc.), no topo alude-se a situações hipotéticas, mas sempre desejáveis, que poderão ser alcançadas num futuro próximo através do consumo desse produto.

A publicidade aos cosméticos, por exemplo, constitui território frutífero em exemplos deste tipo de narrativa.

2 Dispositivos disciplinares na ordem social

Numa sociedade tanto as sinergias colectivas como as individuais são disciplinadas por uma variedade de instituições oficiais ou culturais, constituindo-se em micro e macro estruturas, impõem-se hierarquias suposta-

mente encabeçadas por *tutores* que foram reconhecidos pelo conjunto como tendo estatuto e capacidades para tal. Os chamados *dispositivos disciplinares* que começam com a educação familiar, sob a soberania do patriarca ou da matriarca, impõem-se ao longo da vida através de instituições mais alargadas como a escola, o sistema judicial, e a própria cultura. Quanto mais vastas são estas instituições, mais ambíguas são as extensões e os modos como actuam.

Nas sociedades actuais todas as instituições se impõem sobretudo com base na coacção simbólica, utilizando signos de autoridade frequentemente *virtuais* à imagem da figura do Espírito Santo nas comunidades católicas. Žižek transcreve Lacan a propósito deste facto: “*o Espírito Santo é a entrada do significante no mundo. Isso foi certamente o que Freud nos trouxe sob a designação de “instinto de morte”*” (ŽIŽEK, 2006, p.15), acrescenta ainda o autor que segundo esta perspectiva “*o Espírito Santo representa a ordem simbólica como aquilo que anula (ou melhor, suspende) o domínio inteiro da vida – a experiência vivida, o fluxo libidinal, a riqueza das emoções ou, para falar em termos Kantianos, o “patológico”*” (ŽIŽEK, 2006, p.15).

Também cada indivíduo se relaciona e conforma a nível simbólico com o meio que o envolve, assim como da mesma forma se organiza em si e consigo próprio, sendo difícil imaginar uma vida, seja singular ou colectiva, sem códigos simbólicos. O indivíduo é afinal um produto de múltiplas formas, veículos e estágios de simbolização desde o seu nascimento, a humanização plena de cada ser depende de mecanismos que compensem os seus instintos primários contrariados por processos de castração contínuos;

e uma *castração de sucesso*² deverá reverter numa reciclagem – sublimação - das energias *proibidas e letais* em actos ou pensamentos colectivamente aceites e partilhados. A castração é sempre um processo de simbolização segundo a psicanalista F. Dolto, alterando-se os médiuns e os processos segundo a qual essa simbolização se opera em conformidade com cada fase específica de desenvolvimento. A simbolização pode ser ainda operada pelo próprio indivíduo ou por uma figura da sua confiança (considerada exemplar) e de forma consciente ou inconsciente.³ Eventualmente o indivíduo pode canalizar as energias de desejos não satisfeitos para formas de simbolização enaltecidas

²“A castração é geradora de uma nova maneira de ser em face de um desejo que se torna impossível de satisfazer da maneira pelo qual ele se satisfazia até então. As castrações – no sentido psicanalítico – são provas de partição simbólica. Elas são um dizer ou um agir significativo, irreversível e que faz lei, que tem, portanto um efeito operacional na realidade, sempre penoso no momento em que é dada a dita castração. Mas elas são tão necessárias ao desenvolvimento da individuação da criança em relação à sua mãe, depois ao seu pai, e a seus próximos, quanto ao desenvolvimento da linguagem.”. (DOLTO, 2002, p.66)

³“Freud assume uma distinção fundamental – a que existe entre dois diferentes modos de funcionamento mental, os processos primários eram os modos de actividade mental característicos do inconsciente; ligadas aos processos primários, estão técnicas como as de simbolização, deslocamento e condensação (como as que surgem, por exemplo nos sonhos). Os processos primários, do ponto de vista freudiano eram caracterizados pela actividade dos instintos sexuais e utilizavam uma energia libidinal altamente móvel, a qual era livre e sem freios. Os processos primários seriam governados pelo princípio do prazer, isto é, os impulsos deles derivados procurariam a todo o instante reduzir a tensão dentro do psiquismo, mediante descargas espontâneas e imediatas.

das pela colectividade: a arte pode constituir uma dessas ocasiões.⁴

Grande parte do processo de socialização do adulto assenta num prolongamento das castrações iniciadas desde o nascimento, e noutras que entretanto novas situações sociais possam demandar, no entanto o fundamento da socialização passa sempre pela reserva das funções biológicas e pelo desvio de muitos dos desejos provocados por estas, *obligando* o indivíduo a uma ocultação ou no mínimo uma *caracterização* da sua natureza primária – agressiva, prazerosa e egoísta – que se constituirá num *duplo*⁵ so-

⁴“(…) estas pulsões entram, após um momento de mais ou menos longo de silêncio, de recalçamento, naquilo que denominamos processo de sublimação, ou seja, a cultura.” (DOLTO, 2002, p.61).

⁵ William Wilson, personagem principal e título de um conto de Edgar A. Poe, é um indivíduo egoísta, agressivo, mentiroso e batoteiro, que age sem qualquer sentido de culpabilidade na concretização dos seus desejos. Ainda na escola primária surge na sua turma um novo aluno que não é mais que um duplo de W. Wilson, mas um duplo antagónico sob uma perspectiva moral e ética, e que, desde aí, persegue a sua figura matricial repondo a ordem ao inviabilizar ou ao desmascarar as acções *inconscientes e imorais* desta. O duplo simboliza a figura do super ego, que surge para policiar o William Wilson *original* – o que punha em prática *inconscientemente* ou não as suas *pulsões primárias*. As personagens simbolicamente reúnem-se na morte quando o W. Wilson *original* se suicida por não aguentar a perseguição e boicote a que o seu duplo o sujeita permanentemente. (Esta referência é baseada no visionamento do filme de Louis Malle: *William Wilson*, integrado numa trilogia de curtas metragens com o título *Histoires Extraordinaires*, baseadas em contos de Edgar A. Poe, (os outros dois realizadores são R. Vadim e F. Fellini); à data encontramos-nos impossibilitados de dar referências mais detalhadas sobre a obra em questão). Na tríade psicanalítica, de forma genérica, podemos referir que o super-ego *filtra* o inconsciente para determinar o ego – o eu consciente e socializado.

cial de si para os outros, e por reflexo, num duplo que se sobrepõe e *controla o seu eu* em estado pré-social, a *instância* inconsciente, mas simbólica, também estruturada como uma linguagem, a que Lacan se referiu como o *grande OUTRO*.⁶

Nas sociedades ditas *avançadas* a importância de um comportamento baseado no controle físico e na contenção e ritualização emocional de cada sujeito, assim como na forma como se dirige aos outros, como comunica explicitamente e como se apresenta e age em público, por exemplo, como se

De alguma forma subentende-se neste conto que Poe associa às castrações múltiplas e consecutivas que o super ego exerce sobre o inconsciente, uma espécie de morte ou apagamento do indivíduo.

Dostoiévski no seu conto “O Duplo” inverte a situação narrada por Poe: do personagem Goliádkin, homem inseguro, discreto e honesto surge um duplo narcisista, irreverente e pouco sério; o duplo antecipa-se ao seu original usurpando o seu lugar na colectividade e no emprego, e embora desprovido de um super-ego forte, possui um ego enorme através do qual que acaba por se impor em todos os domínios sociais. Goliádkin “Sénior” (como se refere o autor ao personagem original) passa a vida a perseguir o Goliádkin “Júnior” e a tentar minimizar os mal-entendidos criados por este último, movido pela obsessão de limpar a *imagem da sua imagem*, embora sem grande sucesso. O conto de D. acaba por nos remeter para a ideia de um processo de castração mal colmatado, visível nas inseguranças de G. Sénior. A sua duplicação num sujeito desprovido de consciência que o confronta a toda o momento sugere-nos uma segunda chance para realinhar a relação entre o Id e o super-ego, ou seja, a possibilidade de refazer todo um processo de castração mal realizado, embora tudo se mantenha da mesma forma pela incapacidade de G. Sénior em reverter o processo, remetendo-nos no final para concluir que o *determinismo* é uma convicção do autor do conto. (DOSTOIÉVSKI, 2003).

⁶“(...) no próprio gesto de realizar um acto por meio de palavras, privo-me da sua autoria; o grande outro (a instituição simbólica) fala através de mim.” (ŽIŽEK, 2006 – a, p.25).

veste e como se *move*, tornaram-se factores preponderantes já não tanto para uma integração colectiva (como na criança) mas para uma identificação *tribal* e para a determinação do estatuto social do indivíduo e da posição que pode ocupar dentro das hierarquias instituídas. Estes factores são também determinantes na consolidação da imagem de si próprio pelo efeito que supõe produzir no outros ao longo da idade adulta, numa imagem tão contaminada pelo reflexo que o meio lhe devolve como pelos primeiros reflexos especulares que experimentou na infância. O indivíduo “*personifica-se, é através da máscara que o indivíduo adquire um papel e uma identidade social. – é somente através do reconhecimento dos outros, que o homem pode constituir-se como pessoa.*” (AGAMBEN, 2010, p.61)

3 Psicologia freudiana

Foi Freud, com a estratificação da mente humana em três *camadas*, que pela primeira vez nos ofereceu uma simbologia topográfica e mecanicista das zonas mentais que geram e regulam o equilíbrio entre processos primários, próprios do Id – inconsciente, como o libidinoso e o da agressão, e os processos secundários, característicos do Ego – como o da preservação e o da cultura. Com este modelo abriu uma possibilidade de se formalizar o processo de *homeostase*⁷ que é suposto regular a psique humana e as re-

⁷Fuller evoca o modelo termodinâmico de Helmholtz: “(...) (que foi o primeiro a elaborar a distinção entre energia livre e energia controlada) e em conceitos fisiológicos como o de homeostase ou mesmo o seu precursor conceptual que é o “princípio de constância” de Fechner.” O autor sugere estes modelos como metáforas do sistema de trocas entre

lações entre pares, o equilíbrio entre desejo e dever, entre frustração e satisfação, entre território próprio e território alheio, visando uma boa gestão ou mesmo *sobrevivência* emocional e física, social e ética.

Esta estratificação, classicamente metaforizada pela imagem de um *iceberg*, parece-nos algo equiparável em termos formais à funcionalização conceptual de um campo visual e à *pirâmide* de jurisdição das instituições disciplinares, segundo os modelos referidos nos exemplos anteriores, podendo ainda ser relacionada com um certo paradigma de avaliação *moral* da anatomia humana proposto por George Bataille num texto de 1929 intitulado *Le Gros Orteil*.

4 A moral do corpo em George Bataille

Dentro da perspectiva delineada, na anatomia humana, também os membros do corpo quanto mais ascendentes mais *atributos* contêm, sendo a cabeça, *lugar* do cérebro (processador e acumulador da comunicação), e da face (área distinta na identificação e singularização dos indivíduos entre si) a zona suprema do corpo. A cabeça e a face são o local onde se encontram os emissores, receptores e os processadores de quatro dos cinco sentidos e dos dispositivos primordiais de comunicação – o paladar, o olfacto, a visão e a audição e finalmente o dispositivo fonético (ou grande parte dele). A cabeça contém a grande maioria dos orifícios responsáveis pelas sucessivas formas de contacto que o ser instaura com o meio envolvente, a boca e o paladar serão os primeiros dispositivos,

princípios primários e princípios secundários elaborado por Freud. (FULLER, 1983, p.68).

tal como o olfacto, audição e tacto, com que todo o ser se relaciona com a mãe, constituindo esta o primeiro significante ou índice da existência de um mundo exterior. Cabeça, face e olhos são ainda, na tradição idealista, os órgãos vinculados ao acto de contemplação, o qual segundo S. Tomás de Aquino seria o propósito da ressurreição do homem, libertado não do corpo mas já das suas contingências biológicas (AGAMBEN, 2002, pp. 38-39), desnecessárias então no *paraíso* cristão.

Segundo as ideologias materialistas as mãos viriam como membros sequentes, segundo esta lógica de valorização anatómica, uma vez que são os órgão que simbolizam o *trabalho*, o *fazer*, o *construir*.

Os códigos do vestuário reiteram esta lógica, e socialmente a única parte do corpo que é admissível andar sempre descoberta, no mundo ocidental, é a face⁸, quanto à cabeça em certas épocas e situações específicas já existem protocolos em relação ao uso do chapéu, o mesmo se verificando em relação ao uso de luvas, embora cada vez menos rígidos e mais pontuais. Por oposição

⁸“Na nossa cultura, a relação rosto/corpo é marcada por uma assimetria fundamental, que quer que o rosto se mantenha as mais das vezes nu, enquanto o corpo está por norma coberto. A esta assimetria corresponde um primado da cabeça, que se exprime das mais variadas maneiras, mas que permanece constante em todos os domínios, da política (na qual o titular do poder se chama capo – cabeça) à religião (a metáfora cefálica de Cristo em Paulo), da arte (na qual se pode representar a cabeça sem corpo – o retrato, mas não – como é evidente no “nu” – o corpo sem cabeça) à vida quotidiana, na qual o rosto é por excelência o lugar da expressão. (...) Esta supremacia expressiva do rosto tem a sua confirmação e, simultaneamente o seu ponto fraco no rubor incontrollável que atesta a vergonha causada pela nudez.” (AGAMBEN, 2010, pp.102-103).

continuam a ser escassas as circunstâncias, em grupos com códigos sociais *sofisticados*, em que o indivíduo pode apresentar-se descalço em público. Talvez seja esta lógica que leva o senso comum a atribuir grande atenção aos sapatos, são afinal os objectos que separam o corpo da terra e tapam os pés – esses membros que ligam o homem à bestialidade da natureza – sendo uma das peças de vestuário consideradas como denotadores dos estatutos, entre outros, económico e estético de uma pessoa.

Conclusão

Segundo uma ética subjacente à matemática cartesiana, estabelecemos um paralelismo topográfico entre retórica do campo visual, instituições disciplinares, estrutura psíquica e estrutura anatómica, no qual tentámos evidenciar que tal como as margens inferiores de um campo visual se destinam à representação do mais próximo da terra, do biológico e do objectivo, as infra-estruturas de qualquer instituição social são constituídas por um maior numero de elementos mas com menores capacidades conceptuais e estatuto comunitário, também o *inconsciente* de Freud – lugar dos processos primários da mente e metaforizado pela base submersa do iceberg – , constitui o local onde se *refugiam* os sentimentos mais *escabrosos* de cada ser humano, e finalmente, segundo uma perspectiva de Bataille, os pés, apesar de serem o objecto corporal de distinção entre homem e primatas pela funcionalidade do dedo grande – *gros orteuil*⁹ –, são considerados por várias

⁹“O artigo “Le Gros Orteil”, publicado na *Documents*, propõe de imediato uma polarização entre os elementos altos e baixos que compõem a figura humana, fazendo contrastar as partes mais elevadas

culturas o mais *baixo e sujo* da anatomia humana¹⁰.

Nos quatro sistemas referidos, a base inferior, num sentido vertical, constitui-se no estado mais bruto de cada um dos organismos, o seu pólo *patológico*, o seu extremo desvirtuado.

No *espaço cartesiano*, definido por dois eixos ortogonais x e y, quanto mais em baixo se encontrar uma ordenada (ponto marcado no eixo vertical – eixo y) mais baixo será o seu valor positivo ou mais alto o seu valor negativo (dependendo da sua posição em relação ao zero).

do corpo com a platitude dos pés. A primeira dessas oposições concentra-se nos distintos significados simbólicos atribuídos aos membros superiores e inferiores: os dedos das mãos, lembra Bataille, significam os actos hábeis e os caracteres firmes, enquanto os dedos dos pés são normalmente caracterizados pela estupidez e baixa idiotia.” (MORAES, 2002, p.189).

¹⁰“Bataille afirma sobre os pés: “o pavor secreto que o pé causa ao homem está profundamente associado às inquietações sexuais: em várias culturas ele é considerado um órgão imoral”, tornando-se objecto de fortes tabus. Assim também, as inúmeras práticas rituais que submetem os pés humanos a suplícios e deformações resultariam dessa aversão. O artigo “Le Gros Orteil” fornece diversos exemplos, que vão desde os arcaicos costumes chineses de atrofiar os pés das mulheres até ao hábito moderno de usar saltos altos, todos com o objectivo último de tentar dissimular ao máximo a “baixeza” do órgão. Continua Bataille, que o homem erectus, tende a afastar-se sempre que pode da lama terrestre e, ao elevar-se em direcção ao céu e às coisas do céu, ele olha para o seu pé na lama como se fosse um escarro.

Essa busca de verticalidade estaria, segundo o autor, nas origens das imagens idealizadas do ser humano, sempre privilegiando a cabeça em detrimento dos órgãos mais baixos (...).” (MORAES, 2002, p.195).

Introdução

AGAMBEN, Giorgio (2002). *L'Ouvert: De l'homme et de l'animal*. Paris: Payot & Rivages.

AGAMBEN, Giorgio (2010). *Nudez*. Lisboa: Relógio D'Água.

DOLTO, Françoise, (2002). *A Imagem Inconsciente do Corpo*. S. Paulo: Editora Perspectiva.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor (2003). *O Duplo*. S/l: Editorial Presença.

FULLER, Peter (1983). *Arte e Psicanálise*. Lisboa: Edições D. Quixote.

MORAES, Eliane R. (2002). *O corpo impossível*. S. Paulo: Iluminuras.

ŽIŽEK, Slavoj (2006). *A Marioneta e o Anão, o Cristianismo entre Perversão e Subversão*. Lisboa: Relógio D'Água.

ŽIŽEK, Slavoj (2006 -a). *A Subjectividade por Vir*. Lisboa: Relógio D'Água.